

# Banco francês propõe fórmula para dívida

10 OUT 1988

Barci Higobassi

SÃO PAULO — Somente uma nova forma de refinanciamento poderá criar condições para que os países devedores equilibrem suas finanças e promovam o crescimento econômico. Países, como Brasil, Argentina e México, teriam suas dívidas externas administradas de uma outra maneira, em que um organismo supranacional, como o Banco Mundial, ofereceria garantias aos credores para o pagamento do principal desses débitos em prazos mais longos.

Os devedores se comprometeriam a colocar em prática um plano de ajuste financeiro interno, com uma rígida política monetária, para controle do déficit e da inflação, tendo como contrapartida a redução dos "spreads" (taxa de risco para os empréstimos) e a capitalização dos juros nos dois ou três primeiros anos, que lhes dariam o impulso necessário para adotar esse novo programa.

A tese é do economista Gabriel François, diretor do Departamento de Estudos Econômicos do Banque Nationale de Paris, que amanhã, à tarde, no Hotel Meridien, no Rio de Janeiro, falará a 100 empresários brasileiros e franceses sobre o problema da dívida dos países em desenvolvimento.

François fala em nome do primeiro banco da Europa e 10º no ranking mundial, com ativos de US\$ 180 bilhões e créditos de US\$ 1,3 bilhão com o Brasil, onde o Banque Nationale de Paris está associado ao Banco Cidade de São Paulo desde 1981, com uma participação de 45% do capital votante e do capital total.

**Fórmulas esgotadas** — François entende que fórmulas que combinam reescalonamento da dívida externa com uma política de austeridade por parte dos países devedores levam a um impasse: a balança de pagamento ganha fôlego, mas o país perde o ritmo de crescimento.

O economista do Banque Nationale de Paris considera "anormal" a situação de países que se enquadram no perfil de meros exportadores líquidos de recursos, para fazer frente aos compromissos com o serviço da dívida externa. Essa política, segundo ele, não atende a três objetivos: restabelecer o equilíbrio financeiro interno desses países, evitar um perigoso enfraquecimento do sistema bancário mundial e, especialmente, fazer com que os países em desenvolvimento retornem ao circuito normal de capitais.

É por isso que François vê com ceticismo soluções que ele considera paliativos para o problema da dívida externa de países que têm potencial para crescimento, mas no momento, estão impedidos de fazê-lo pelo agravamento de suas crises internas. Nesse caso, na visão de François, estão enquadradas a revenda dos títulos da dívida com deságio no mercado secundário, a formação de provisões para devedores e mesmo a conversão em investimentos. "A conversão é uma fórmula simpática, mas nada definitiva".

Para François, na questão do Brasil, o país tem condições de atrair o capital estrangeiro, desde que resolva o problema do desequilíbrio provocado pelas suas contas internas.